

*[Texto enviado para os participantes do encontro dos dias 13/09/2019 e 17/09/2019, promovidos pelo projeto **Cinema, Sujeitos e Territórios.**]*

Oi pessoal,

Tivemos dois encontros recentemente, um na sexta passada e outro na última terça. Na sexta, assistimos ao “Que Bom Te Ver Viva”, filme de 1989 dirigido pela Lúcia Murat. Já na terça, tivemos um encontro na Biblioteca Parque de Niterói para ver [Obon](#) e fazer dinâmicas e práticas de escuta.

Três pontos das nossas conversas que partiram das atividades e dos filmes:

– Documentário como tensão entre real e ficcional. “Que Bom Te Ver Viva” intercala depoimentos de mulheres que sobreviveram a torturas no período da ditadura com monólogos de uma personagem ficcional que, segundo a narrativa, passou pela mesma situação. Nos encontramos novamente com um filme que, sem medo, traz um real e um ficcional em diálogo, colocando os dois não como os extremos opostos de uma mesma linha, mas como uma tensão constante que caracteriza o Documentário enquanto tal; isto é, foi mais um contato com um filme que usa o ficcional não para negar ou para opor o real, mas para construí-lo (mobilizá-lo, bagunçá-lo, provocá-lo) cinematograficamente. Obon, filme de animação que traz o contexto da bomba atômica de Hiroshima e um momento de proximidade entre pai e filha, também dialoga com essa tensão entre real e ficcional. Um dos pontos da nossa discussão foi como o fato de ser animação já traz uma ideia de ficcional (geralmente acompanhada com a ideia de infância, de leveza, etc), mas que Obon deslocou demais com a inserção do real: não abandonando o ficcional ou o real, mas tensionando os dois e os colocando em relação.

– Construção e desconstrução de subjetividade no “Que Bom Te Ver Viva”. Uma das entrevistadas não quis ser gravada, então deu seu depoimento por escrito. Não ouvimos a voz e nem vimos a imagem dela: apenas suas palavras. Dizia, no fim, que não queria fazer parte de um filme “com clima emocionado”. Mas como se porta o documentarista diante de alguns fatos? Mesmo filmá-los já não é construir um discurso que carrega um ponto de vista com juízos? Nesse viés, falamos um pouco sobre possibilidades de (im)parcialidade de quem faz um registro, dialogando também com outra questão trazida por uma das vozes que ouvimos no filme: “*quem vai ver um filme sobre tortura?*” Discutimos sobre como se constroem essas subjetividades que vêm ou não um filme sobre tortura, que se abrem ou não para documentos históricos, para conhecimento científico, enfim, que não ignoram os fatos. Outra questão foram as subjetividades que se perdem em experiências de tortura e que se reencontram depois – discussão demandada por demais pelo filme: apesar das sequelas, muitos relatos de vidas que, simplesmente, continuaram. Vidas que encontram na continuação da própria vida uma forma de revidar o ataque da tortura. Negação da vida que é respondida com mais vida. “Tentam acabar comigo e nasce mais um!”, disse uma mulher em um depoimento.

– Beleza da escuta. Na terça, a proposta começava com cada um elegendo um som que houvesse passado pelo seu dia. Transformamos esses sons em coisas no papel, e depois transformamos mais uma vez os papéis em novos sons ou em imagens. A escuta mesmo nós visitamos sob várias dessas transformações: escuta da memória de um som, escuta da interpretação do outro sobre um som, escuta do som do ambiente, escuta das palavras que tinham sido colocadas no papel a partir dos sons – parece, assim, um ficar quieto para ouvir o que algo tem a lhe dizer. Discutimos essa questão da escuta como algo que demanda uma certa pausa, um silêncio: às vezes uma pausa que vem como uma saída ou uma quebra na cotidianidade, às vezes uma pausa que é precisamente causada por uma dessas quebras. Um dos pontos levantados foi esse de que o mundo está aí com seus sons, e então vez ou outra podemos parar e dar atenção a alguns desses sons, nos permitir ser tocados por eles: fazer um “escuta sensível”, termos que aparecem vez ou outra em nossos encontros.

Essa sexta nos vemos na Sala C100 do IACS às 14:30.

Abraços e até lá,
Ana e Keven

[Programação do Brics Film Festival](#)
[8º Mostra Ecofalante acontecendo de graça no CCBB](#)
[Site do projeto Cinema, Sujeitos e Territórios](#)